

O movimento homossexual no Brasil: construção da identidade, eventos e visibilidade mediática¹

Elaine Cristina Gomes de MORAES²
Murilo Cesar SOARES³
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

Em uma história marcada por preconceito e discriminação, o movimento homossexual organizou-se no Brasil com o objetivo de criar e fortalecer sua identidade sexual, bem como lutar por seus direitos e contra qualquer ato homofóbico. Este estudo realiza uma análise do movimento homossexual e os eventos que realiza, como estratégia de comunicação, bem como seu papel na construção da identidade do movimento. Destacamos a relevância dos eventos de manifestação, como a parada do orgulho LGBT e, em Bauru, a parada da diversidade, que não apenas proporcionam visibilidade à questão, com a presença da mídia, como representam a voz desse público que busca seus direitos de cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: eventos; identidade; LGBT; movimento homossexual, parada da diversidade de Bauru.

O movimento homossexual brasileiro, hoje mais conhecido como movimento LGBT, vem se fortalecendo desde as primeiras manifestações no final da década de 70. O conceito de identidade homossexual, que era visto como razão para discriminação, sofreu diversas modificações, resultado de uma luta árdua, vivenciada pelos grupos que compõem o movimento no Brasil.

Trata-se de um tema complexo, que engloba desde o reconhecimento de uma orientação sexual que foge aos padrões considerados da ‘normalidade’, aos desafios que uma pessoa enfrentará ao se identificar como homossexual. Surgem os conflitos sobre a decisão de optar por uma vida na clandestinidade ou assumir a homossexualidade e assumir as consequências conhecidas na história brasileira, de preconceitos e discriminações.

No entanto, com o surgimento dos diversos grupos que reivindicam o direito à liberdade sexual, a compreensão da identidade homossexual vem se transformando; o movimento homossexual brasileiro vem ganhando notoriedade por meio de suas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a cidadania do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da FAAC/UNESP, email: moraes.e@gmail.com

³ Professor livre-docente dos cursos de graduação e de pós-graduação em Comunicação da FAAC/UNESP, email: murilo@faac.unesp.br

manifestações, destacando-se as ‘paradas’ que realiza em diversas cidades brasileiras, caracterizadas por passeatas ao som de música e um visual com as cores do arco-íris.

O presente trabalho propõe uma discussão acerca da identidade do movimento homossexual brasileiro e aborda o contexto do movimento da diversidade de Bauru, composto majoritariamente por homossexuais e outros segmentos minoritários da sociedade como negros, idosos, mulheres, portadores de necessidades especiais e outros.

Não há intenção de abordar as especificidades de identidade de cada segmento do movimento composto por lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais, hoje compreendidos no movimento como LGBT. A proposta do trabalho é tratar a construção da identidade enquanto movimento, ou seja, a união de diversos grupos na luta por direitos no evento da parada da diversidade.

Como padronização, utilizamos neste trabalho o termo ‘movimento homossexual’ para referência ao conjunto das diversas subdivisões que a sigla LGBT abrange. No que se refere ao evento intitulado ‘parada do orgulho LGBT’, optamos pela conservação desta nomenclatura, bem como a ‘parada da diversidade de Bauru’, como é divulgada. Exceções ocorrem por razões de referências aos autores que empregam terminologia diversa.

Para este trabalho, foi realizada inicialmente uma pesquisa exploratória, com o objetivo de levantar informações sobre o tema, por meio de notícias de *sites*, *blogs* e revistas específicas, vídeos e conversas informais com o presidente da Associação Bauru pela Diversidade (ABD). Em seguida, realizamos uma pesquisa bibliográfica a fim de realizar uma reflexão sobre os eventos promovidos pelos movimentos homossexuais, estratégias de comunicação, que lhe promovem visibilidade, como é o caso das paradas.

Identidade e os movimentos de homossexuais no Brasil

A identidade, ao contrário do que se acreditava no passado, é um fenômeno que se constrói, é desconstruído e apresenta-se em constante transformação. Do ponto de vista da identidade individual, cada pessoa possui um nome, uma profissão e ainda pertencer a determinado grupo social, que a liga às demais por determinada afinidade. Assim, observamos uma relação entre o que pode se chamar de identidade individual e o conceito de identidade coletiva, a qual pressupõe a consciência de pertencimento a um grupo.

A constituição de um grupo é explicada por Martino (2010), ao entender que as relações de identidade se formam a partir da dicotomia ‘igual versus diferente’, sendo a

diferença uma definição que costuma ter uma conotação negativa, ou seja, constrói-se a partir da negação do que é antagônico. Outra definição que se complementa a de Martino é que “trata-se da construção de um *nós* e de um *eles*, dois campos totalmente antagônicos, de modo que se está em um ou no outro: ou você está conosco ou está contra nós” (GARCIA, 1995, p. 72).

Assim, a identidade ou o conjunto de identidades de uma pessoa constrói-se de acordo com os papéis vivenciados e modifica-se conforme as ressignificações atribuídas para esses papéis. Portanto, um grupo social forma-se a partir de diferentes identidades que compõem cada indivíduo, porém, com a prevalência de determinada característica, da qual os demais membros compartilham. Assim,

os discursos de identidade, em geral, também são discursos de diferença, estabelecendo dentro de seus critérios o que é igual e o que é estranho. Essa definição, aparentemente simples, pode ter consequências graves quando levada a extremos, momentos em que a definição da diferença dá lugar à classificação do diferente como negativo (MARTINO, 2010, p. 37).

O processo de construção de uma identidade coletiva, na concepção de Castells (1999) advém de três formas distintas. A primeira é a identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes, com o objetivo de expandir e conservar seu poder em relação aos atores sociais. A identidade de resistência é construída por pessoas que se encontram em condições desvalorizadas pela lógica da dominação e que criam formas de resistência coletiva, que, do contrário, não seria suportável. E a terceira, de projeto, é baseada na construção da identidade por meio de um projeto de vida diferente para aqueles que vivenciam uma identidade oprimida (CASTELLS, 1999).

E ainda, “identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação” (CASTELLS, 1999, p. 24). Nesse sentido, o conceito de identidade aplica-se intrinsecamente à concepção de movimentos sociais.

Retomando o conceito de Castells na formação das identidades na realidade dos movimentos sociais, especificamente do movimento homossexual, podemos pressupor que se trata de uma identidade de resistência inicial à identidade legitimadora da hegemonia heterossexual e, conseqüentemente, ascendeu à identidade de projetos. Isso resulta de uma não aceitação de uma condição de preconceito e discriminação pela condição homossexual,

que se mobiliza por meio de manifestações e ações em organizações não governamentais, órgãos ligados ao poder público e outras ações pontuais na busca dos direitos equiparados aos dos heterossexuais.

Em uma releitura sobre os movimentos sociais, Gohn (1997) explica que houve uma mudança não apenas estrutural, mas ideológica desses movimentos, a partir da década de 1990. Os chamados ‘novos movimentos sociais’ se diferenciam dos paradigmas tradicionais por diversos fatores, dentre os quais, os aspectos culturais em detrimento da luta de classes. Também não há mais espaço para um líder que se destacava pela oratória e carisma. Ao contrário, caracterizam-se pela ausência de hierarquia interna, são descentralizados e compõem-se de estruturas colegiadas, com mais participação. Há também conflitos internos e externos, sendo estes, partes do processo de construção da identidade do movimento.

A autora argumenta que a identidade é parte constitutiva da formação dos movimentos, pois é em função da defesa dessa identidade, formada pela definição dos membros, fronteiras e ações do grupo, que o movimento é formado e se desenvolve. No que se refere aos novos movimentos sociais (NMS) e a identidade coletiva, ela explica que

os NMS caracterizam-se pelo estudo de movimentos sociais num *approach* mais construtivista, tomando como base movimentos diferentes dos estudados pelo paradigma clássico marxista. Eles se detiveram no estudo dos movimentos de estudantes, de mulheres, gays, lésbicas e em todo o universo das questões de gênero, das minorias raciais e culturais etc. [...] As categorias utilizadas para explicar estas novas formas de processo social não estão claras, porque não partem das novidades em si mesmas mas de seus resultados, sendo a identidade coletiva sua expressão máxima (GOHN, 1997, p. 128).

Corroborando a definição dessa autora, o movimento homossexual enquadra-se como novo movimento social, composto de pessoas com diversas identidades, distintas classes sociais e cultura, porém, que se formam enquanto grupo pelo objetivo de almejar igualdade como cidadãos, que são estigmatizados por uma sociedade conservadora em virtude de sua orientação sexual. O movimento vem ganhando visibilidade por seus eventos de espetáculo, bem como a participação em diversos projetos.

Desde seu início no Brasil, o movimento homossexual sofreu diversas transformações, inclusive no que se refere à própria nomenclatura. Simões e Facchini (2009) explicam que até 1992, o movimento era conhecido como ‘movimento homossexual brasileiro, MHB’. Em 1995, foi aprovada, durante a primeira conferência nacional, a

denominação LGBT, representando lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais, o que para alguns autores é representado ainda como LGBTT.

O movimento homossexual é formado por diversas identidades que se veem como *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Mas, antes de se identificar com algum desses grupos, pressupõe-se uma etapa, pela qual a pessoa começa a questionar e se reconhecer em determinada orientação sexual diferente dos padrões tradicionais ou mesmo em identidade de gênero, que pode não condizer com o sexo biológico. Assim, o primeiro desafio é a identificação da pessoa como homossexual e sua decisão de reconhecimento público ou negação, o que, de qualquer forma, resultará em um estilo de vida de batalhas, seja por lidar com o preconceito ou por lidar com uma possível frustração.

Baker (2010) acredita que é difícil definir e medir o conceito de identidade sexual, mas explica que há dois significados em ciências sociais: o primeiro é como as pessoas se veem, enquanto masculino ou feminino, e o outro define a sexualidade, referindo-se ao desejo sexual. Assim, o primeiro é denominado identidade de gênero, que representa não apenas o sexo biológico, mas como a pessoa se vê, e o segundo, denomina-se orientação sexual.

Esse mesmo autor ressalta que os cientistas sociais argumentam, atualmente, que os indivíduos podem adquirir várias identidades sexuais, que podem ser inconsistentes, contraditórias e de transição, as quais nem sempre coincidem com a biologia no nascimento. A orientação sexual costumava ser descrita como uma preferência duradoura, mas tem se considerado que algumas pessoas se reconhecem como heterossexuais, bissexuais ou homossexuais em diferentes ocasiões ou períodos de suas vidas.

No cenário brasileiro, até meados da década de 70, os homossexuais viviam à marginalidade da sociedade e sofriam perseguições policiais, principalmente nas décadas de 50 e 60. O surgimento do movimento homossexual foi marcado por influência do jornal ‘Lampião’, lançado em abril de 1978, como porta-voz desses grupos estigmatizados (DANIEL, 1983). Antes dessa publicação, houve alguns outros jornais *gays*, como o ‘Snob’, criado em 1961. Como atuavam de forma artesanal, com recursos disponíveis na época, enfrentaram diversas dificuldades, que culminaram na extinção de todos eles.

Com expressiva influência do Lampião, em sua segunda edição, em maio de 1978, surgiu o primeiro grupo homossexual organizado no Brasil, o ‘Somos’, em São Paulo, que visava construir uma identidade como grupo, a partir da homossexualidade. Em plena ditadura militar, com intensas atividades de grupos de esquerda e o surgimento de

novos movimentos feministas e do negro, o grupo se apresentava com espírito contestatário, “produzindo um discurso voltado para uma transformação mais ampla, compreendendo a homossexualidade como estratégia para a transformação cultural, capaz de corroer uma estrutura social a partir das margens” (MACRAE apud SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 61).

O grupo era composto quase exclusivamente por homens, situação que começou a modificar com a presença de mulheres que passaram a frequentar o movimento, porém, por entenderem que suas reivindicações eram específicas e por divergirem das que compunham as lutas dos homens, fundaram o ‘Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF)’. Outros grupos se formaram, inclusive com o nome ‘Somos’, em Sorocaba e no Rio de Janeiro, como forma de homenagem ao grupo original.

Sobre a identidade do movimento homossexual, vale ressaltar que esse “sustentou-se no tripé identidade, sexualidade e cidadania e buscou a identidade homossexual, o direito ao livre exercício das escolhas sexuais individuais e a autonomia do movimento homossexual” (ZANATTA, 1996/1997, p. 194). Em busca dessa identidade, desde o surgimento do movimento homossexual, diversos grupos se formaram, alguns se extinguíram e outros ainda se transformaram.

Na década de 80, o movimento passou por um período de retroação, que foi visto por alguns autores como crise ou mesmo decadência. Houve uma redução quantitativa no número de entidades, mudança geográfica dos grupos e na postura política, dentre os fatores está o advento da epidemia da Aids (SIMÕES; FACCHINI, 2009). A doença, inicialmente foi associada ao homossexualismo e apelidada de ‘peste gay’ ou ‘câncer gay’, constituindo um dos fatores de desarticulação, mas não suficiente para a extinção do movimento.

Ferrari (2004) explica que, após a eclosão da Aids, o movimento adquiriu uma preocupação com a questão da educação mais formal, promovendo, então, diversos cursos sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, bem como criou e participou de diversos projetos de assistência às pessoas infectadas com o vírus da Aids. Ainda hoje, diversos grupos ainda atuam em escolas, por meio de palestras e debates que tratam a questão das diferenças, homossexualidade e prevenção dessas doenças.

Compartilham desse relato, Simões e Facchini (2009), que explicam que, nesse período, houve uma aproximação entre os ativistas homossexuais e as autoridades médicas.

A partir desse cenário, antigos militantes do grupo Somos e de outros grupos de São Paulo criaram a primeira ONG-Aids brasileira, o Grupo de apoio e prevenção à Aids (GAPA).

Eventos como estratégia de comunicação

Em toda essa trajetória do movimento homossexual brasileiro, é importante ressaltar a relevância dos eventos como estratégia de visibilidade e aporte para conquista de direitos. Exceto à época em que os homossexuais viviam isolados em ‘guetos’, avessos à visibilidade, os grupos formados por homossexuais mobilizavam-se por meio de eventos, como manifestações, ações para discussão e tomadas de decisão e, finalmente, o que consolidou a visibilidade do movimento, as ‘paradas’.

O primeiro evento que proporcionou visibilidade ao movimento foi uma semana de debates sobre movimentos de emancipação de grupos discriminados, realizada na Universidade de São Paulo, em 1979, que reuniu minorias, na qual o grupo Somos fez seu primeiro pronunciamento ao vivo. Em dezembro de 1979, patrocinado pelo jornal *Lampião*, realizou-se o I Encontro Nacional do Povo *Gay*, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro.

As mulheres também registraram presença em eventos, por meio da organização e dos debates no II Congresso da Mulher Paulista em 1980 e no III Congresso, em 1981. Os eventos foram tumultuados, devido às polêmicas quanto às temáticas sobre violência contra a mulher, feminismo e sexualidade, que não deveriam ser discutidos, sob a ótica de algumas ativistas presentes nesses eventos (SIMÕES; FACCHINI, 2009 e ZANATTA, 1996).

Ainda em 1980, realizou-se o I Encontro Brasileiro de Homossexuais, no Teatro do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP, que contou com a presença de cerca de 200 pessoas. Os eventos se espalharam por outras regiões, como o 1º Encontro de Grupos Homossexuais do Nordeste em junho de 1981, 1º Encontro Paulista de Grupos Homossexuais em 1983, 2º Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais Organizados, em Salvador, a 3ª edição foi realizada em 1989, no Rio de Janeiro, o 4º Encontro aconteceu em Sergipe, em 1990 e diversos outros.

A primeira manifestação de rua do movimento homossexual foi o ‘Ato público contra a repressão policial arbitrária contra homossexuais’, em 13 de junho de 1980, em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, como relatam Simões e Facchini (2009) e Zanatta (1996). Tratou-se de um manifesto contra a ‘operação limpeza’, promovida pelo delegado

José Wilson Richetti, que perseguia e intimidava os homossexuais em locais frequentados por esse público, dando-lhes voz de prisão.

Retomando o momento em que culminou a epidemia da Aids, com a visível redução dos grupos e o novo cenário de redemocratização no Brasil, o movimento se reestruturou. Ao contrário do perfil vivenciado na década anterior, Simões e Facchini (2009) explicam que formou-se uma nova geração de militantes, com pouco ou nenhum envolvimento nas posições ideológicas de esquerda, que caracterizava-se pela formação de um movimento com caráter mais formal e com objetivo de assegurar o direito à diferença.

Na década de 90 os eventos voltaram a ser mais frequentes com a formação de redes de grupos e associações. Sob essa perspectiva, no final da década de 80 é realizado o 1º Encontro Nacional de ONGs, em Belo Horizonte, em 1989, e no mesmo ano, realizou-se a 2ª edição, em Porto Alegre. Em 1993, aconteceu o Encontro Nacional de Travestis e Liberados, no Rio de Janeiro, que se tornou o primeiro de uma série de encontros de travestis que trabalham na prevenção da Aids. Em 1996 realizou-se o primeiro Seminário Nacional de Lésbicas.

Segundo Simões e Facchini, o movimento, do início do século XXI até os dias atuais, construiu uma nova identidade caracterizada por

presença marcante na mídia; ampla participação em movimentos de direitos humanos e de resposta à epidemia da Aids; vinculação a redes e associações internacionais de defesa de direitos humanos e direitos de *gays* e *lésbicas*; ação junto a parlamentares com proposição de projetos de lei nos níveis federal, estadual e municipal; atuação junto a agências estatais ligadas a prevenção de DST e Aids e promoção de direitos humanos; formulação de diversas respostas diante da exclusão das organizações religiosas; criação de redes de grupos ou associações em âmbito nacional e local; e organização de eventos de rua, como as grandes manifestações realizadas por ocasião do dia do Orgulho LGBT (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 138).

A presença na mídia, mencionada pelos autores, reflete a relevância atingida pelo movimento. Por outro lado, os meios de comunicação de massa possuem um papel fundamental na disseminação de informação, pois reproduzem o fato e promovem a discussão acerca da notícia divulgada. Hohlfeldt (2010) explica que, por meio da mídia, incluímos em nossas discussões alguns temas que, de outra forma, não chegariam ao nosso conhecimento, tampouco seriam temas de nossa agenda.

Nesse sentido, Soares (2009) explica que a imprensa possui um poder simbólico “que advém de sua capacidade de agendar os temas, enquadrá-los, colocando-os publicamente” (p. 145). No contexto das paradas, observamos que elas tornaram-se pauta de notícias em jornais, televisão, revistas eletrônicas e outros, o que contribui para que sua influência e resultados sejam multiplicados acerca de um tema, até então, de pouca visibilidade.

As novas formas de manifestação do movimento homossexual ganharam notoriedade e já se tornaram tradição em diversos países e têm se tornado parte do calendário de eventos em algumas cidades brasileiras. Por sua relevância, a parada do orgulho LGBT é uma ação que integra a identidade do movimento. Em 2011, São Paulo realizou a 15ª. Parada do Orgulho Gay, considerada a maior do mundo.

A parada do Orgulho LGBT e a simbologia do movimento

De forma peculiar, o movimento homossexual no Brasil tornou tradicional a realização das paradas que acontecem anualmente e o número de cidades que organiza o evento vem aumentando. Com irreverência e em alusão ao carnaval, as paradas são representações da identidade do movimento, as quais se caracterizam por uma passeata ao som de música animada, carros alegóricos com faixas e um visual colorido, além da presença de *drag queens* e diversos participantes trajando fantasias.

A primeira parada do orgulho *gay* no Brasil foi realizada no Rio de Janeiro em 1995 tendo como objetivo denunciar a discriminação contra os homossexuais, além de estimular práticas sexuais seguras tendo em vista a disseminação da Aids (JESUS; GALINKIN, 2007).

Em São Paulo a primeira edição ocorreu em 1997, contando com grande representatividade de público. Simões e Facchini (2009) relatam que a parada, nas duas primeiras edições, era composta de pessoas que caminhavam ao som de canções de música popular brasileira, produzido por caixas de som de uma perua Kombi emprestada do Sindicato das Costureiras de São Paulo.

Com a criação da Associação da Parada do Orgulho GLBT (APOGLBT), em 1999, o evento contou com a participação de 35 mil pessoas e com a presença de três trios elétricos de casas noturnas voltadas ao público homossexual. Em 2011, segundo os organizadores do evento, a parada contou com a presença de um público estimado de 4 milhões, que ocupou a Avenida Paulista (ISKANDARIAN; MACEDO, 2011). Desde 2004,

a parada de São Paulo é considerada a maior do mundo e é uma das maiores mobilizações populares do Brasil (JESUS; GALINKIN, 2007).

As paradas se caracterizam como “movimentação em desfile, animada por personagens variados, fantasiados ou não, um fundo musical, preferencialmente o estilo Techno, assumindo uma carnavalização [...]” (JESUS; GALINKIN, 2007, p. 287). Por outro lado, os autores explicam que há um discurso voltado para a pluralidade humana que a compõe, geralmente marginalizada ou excluída.

Faz-se necessário ressaltar, portanto, que apesar do caráter festivo, a parada possui objetivos que perpassam a diversão, pois trata-se de uma manifestação formada por diversos grupos que compartilham da mesma luta pelos direitos de cidadania, enfatizando o combate à discriminação por orientação sexual, identidade de gênero e pelo fim da homofobia. Mott (2012) explica que, para que a parada cumpra sua missão, deve se ater aos objetivos propostos:

Promover a visibilidade massiva de GLT a fim de mostrar à sociedade global o poder de arregimentação deste segmento populacional enquanto cidadãos e massa potencial de eleitores e consumidores; reforçar a auto-estima individual dos participantes enquanto homossexuais que devem ter seus direitos de cidadania plenamente respeitados; funcionar como ritual de iniciação para que novos homossexuais se assumam, estimulando aos enrustidos “sair da gaveta”; mostrar à sociedade global a existência da diversidade sexual da comunidade homossexual e estimular o respeito à livre orientação sexual, papel de gênero e estilo de vida; selar a solidariedade do movimento homossexual organizado e da comunidade homossexual com outras minorias sociais, entidades de classe e representantes de diferentes setores do poder, fazendo das paradas vitrine e espaço de visibilidade para futuros candidatos GLS a cargos políticos previamente apoiados pelos grupos locais do movimento homossexual e comprometidos com suas bandeiras de luta; arregimentar novos militantes para se associarem aos diversos grupos do movimento homossexual organizado; denunciar à população em geral e à mídia as diferentes manifestações de homofobia que pesam sobre a comunidade homossexual, transmitindo aos participantes da parada informações sobre auto-defesa contra discriminações e como enfrentar e se proteger da violência anti-homossexual; transmitir informações e reforçar junto aos participantes da parada a necessidade da prevenção da Aids e DST (MOTT, 2004).

Retomando os conceitos de Manzini-Covre (1991), que argumenta que os direitos de grupos minoritários só passam a ser respeitados a partir da prática da reivindicação, a parada, por meio dos objetivos propostos, é um evento de mobilização,

uma forma peculiar de atrair não apenas o seu público específico, mas mobilizar demais cidadãos, a mídia, autoridades e políticos.

A parada também possui caráter educativo, na medida em que incentiva as práticas de prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis, bem como busca promover o respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero, e explicita o repúdio a qualquer manifestação homofóbica. Como objetivo do evento verifica-se ainda o incentivo àqueles que ainda não assumiram publicamente sua orientação sexual para que, por meio da presença do movimento, sintam-se encorajados para viverem livremente sua identidade sexual e contribuírem para transformar ideologias dominantes e garantir, então, seus direitos como cidadãos.

Essa visão é respaldada por Jesus e Galinkin (2007) quando argumentam o caráter reivindicatório das paradas ao compreendê-las como

passeatas reivindicatórias por direitos iguais, questionando a ordem vigente na medida em que esta exclui as pessoas com sexualidades não hegemônicas, entretanto, reforçam a ordem, visto que buscam nela se integrar. Objetivam, dessa forma, a normatização de sua participação social. Enquanto passeatas, têm um caráter político reivindicatório; como desfiles “carnavalescos”, dramatizam e exacerbam as diferenças internas entre os LGBT e em relação à população em geral (JESUS; GALINKIN, 2007, p. 287).

Apesar das divergências existentes entre os grupos e reivindicações específicas, o evento se sobrepõe a essas questões e, com um espetáculo de cores, os grupos se unem para lutar pelo direito à liberdade sexual e contra qualquer manifestação de homofobia. Em uma trajetória de apenas dezessete anos, a parada do orgulho LGBT se tornou uma tradição em locais como Rio de Janeiro, São Paulo e vem registrando sua história em cidades do interior, como Bauru.

Ações do movimento homossexual em Bauru

Em Bauru, a primeira parada da diversidade foi realizada no dia 7 de setembro de 2008 e contou com aproximadamente 15 mil participantes, que percorreram a avenida Nações Unidas, desde a Praça da Paz, ao Parque Vitória Régia⁴. Intitulada ‘Parada da diversidade de Bauru’, o evento engloba, além do público homossexual, demais minorias

⁴ Disponível em: <<http://cnbauru.wordpress.com/2008/09/09/primeira-parada-da-diversidade-reune-mais-de-15-mil-pessoas-em-bauru-a-policia-militar-precisou-fechar-as-duas-pistas-da-avenida-nacoes-unidas-para-abrir-espaco-aos-gays-lesbicas-bissexuais-e-trans/>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

que também lutam pelos seus direitos de cidadania, como os negros, idosos, mulheres, portadores de necessidades especiais e outros.

Sob a organização da Associação Bauru pela diversidade (ABD), com apoio da Prefeitura de Bauru, o evento chegou a sua quarta edição em 2011, com o tema ‘A educação é a solução: todos contra o *bullying*’, e atingiu recorde de público, totalizando quase 40 mil pessoas (DIAS, 2011, p. 7). A concentração teve início às 13 horas, na Praça da Paz; a abertura oficial ocorreu às 16 horas, após a execução do hino nacional, com discurso dos organizadores. O prefeito de Bauru esteve presente, como tinha feito antes, em todas as edições do evento. Ao som de música eletrônica, quatro carros alegóricos percorreram a Nações Unidas e o encerramento ocorreu com o show da cantora Preta Gil.

A Semana da diversidade de Bauru foi regulamentada em 2010 pela lei municipal 5.972 de 27 de setembro de 2010 e sua programação encerra o calendário comemorativo do aniversário do município de Bauru. A semana consta de uma programação diversificada e aberta ao público, com debates, palestras, espetáculos e na edição de 2011 contou com uma mostra fotográfica. A parada encerra a semana, no último domingo do mês de agosto.

Em 11 de dezembro de 2010 foi publicada, no Diário Oficial de Bauru, a criação do Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual, vinculado à Secretaria do Bem-Estar Social. Como funções, deve assessorar e acompanhar a implantação de políticas públicas voltadas ao interesse do público GLBT (*gays*, *lésbicas*, *bissexuais* e *transgêneros*), bem como colaborar na defesa dos direitos dessas pessoas por meios legais necessários.

Para a mobilização da comunidade LGBT de Bauru, Ferreira (2010) explica que, para a primeira parada, foram utilizadas diversas estratégias de comunicação “em especial a internet e a telefonia celular. Foram acionadas as redes sociais como principal instrumento de RP, além de utilizar um *mailing list*, abrangendo contatos num raio de 200 quilômetros de Bauru, para mobilizar a região centro-oeste”. Atualmente, as tecnologias digitais são amplamente utilizadas, como diversos *sites* e *blogs* que divulgam e fazem a cobertura durante a parada, além de a parada constar na programação de eventos no *site* da Associação Brasileira de *Gays*, *Lésbicas* e *Transgêneros* (ABGLT).

Atualmente, a ABD não organiza apenas eventos voltados ao público que compõe a diversidade. A Associação articula-se também por meio de diversos projetos voltados à população carente de Bauru, como a entrega de presentes de Natal às crianças moradoras de bairros da periferia da cidade, campanha de Páscoa e outros. Na quarta edição

da parada, foram arrecadadas latas de leite em pó para doação a entidades beneficentes da cidade.

Além disso, outros tipos de eventos realizados pelo movimento começaram a ganhar visibilidade na mídia. O carnaval de Bauru passou a contar com a presença de duas rainhas, sendo uma delas intitulada ‘Rainha da Diversidade’, eleita por um concurso promovido pela ABD. Eventos com propósito de manifestação e protesto também têm marcado a agenda da Associação em 2012. No início do ano, realizou-se um ‘Beijaço’, como expressão de repúdio a um ato de homofobia praticado em um supermercado da cidade. Em maio, foi realizada a primeira marcha municipal contra a homofobia.

Podemos observar que o evento é uma estratégia eficaz de visibilidade do movimento, pois atinge não apenas o público específico que tem vindo de diversas localidades para prestigiar, mas conta com a presença de heterossexuais que apoiam a luta da diversidade, além da presença da imprensa e representantes do poder público. Em apenas quatro edições, a parada de Bauru tornou-se a segunda maior do estado de São Paulo (CAMARGO, 2011).

Com irreverência, cores do arco-íris utilizadas em bandeiras, guarda-chuvas e outros acessórios, além de muitas fantasias se misturam às histórias de pessoas que vivenciam o preconceito e a discriminação. A identidade do movimento da diversidade de Bauru se constrói na medida em que se sobrepõe às divergências dos diferentes grupos que o compõe, e tornando o movimento homogêneo com o seu objetivo maior, o direito à liberdade sexual.

Torna-se mais perceptível a identidade do movimento durante a parada da diversidade quando uma minoria, que vivencia discriminações e preconceitos, ocupa uma das principais avenidas das cidades e então, em meio ao desfile de cores e faixas de protestos, torna-se expressiva, e pode se manifestar perante uma plateia de espectadores. É, portanto, uma identidade em construção, de pessoas, que individualmente sofrem o preconceito, mas que, coletivamente, adquirem força pela mobilização.

Considerações Finais

A questão da identidade é complexa e, no que se refere à identidade homossexual, apresenta, geralmente, uma fase de conflitos. No que tange à questão de percepção de uma orientação sexual que não condiz aos padrões aceitos como ‘normais’, as pessoas costumam vivenciar uma etapa árdua, na decisão de se assumir como não

heterossexual e enfrentar os desafios que o preconceito provoca e lutar por direitos ou optar por uma vida ‘em gueto’, como ocorria nas décadas de 50 e 60.

Da época em que os homossexuais viviam à marginalidade aos dias atuais, muitas transformações ocorreram no cenário socioeconômico do Brasil. Desde a formação do primeiro grupo que surgiu para dar voz a essas minorias aos atuais eventos de visibilidade, às campanhas educativas e articulações políticas, um novo olhar começa a surgir na sociedade brasileira.

No entanto, muitos desafios ainda são enfrentados pelo movimento. Tramita na Câmara o Projeto de Lei 122/06, que torna crime a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, equiparando esta situação à discriminação de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, sexo e gênero, ficando o autor sujeito a pena, reclusão e multa ainda não foi aprovado. Outro desafio enfrentado pelo movimento é a resistência pela ala conservadora brasileira, com destaque para os grupos religiosos.

Há ainda muita resistência a ser enfrentada, mas algumas conquistas já foram efetivadas, como o reconhecimento da união homoafetiva estável. Com o reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal em 2011, as questões relativas a direitos e deveres dos companheiros heterossexuais em uniões estáveis serão estendidas aos casais homoafetivos.

No Brasil, tem havido reações de setores tradicionais e religiosos contra o movimento homossexual, expressas em manifestações de repúdio à aprovação de leis que eliminem as discriminações aos homossexuais. No entanto, por meio dos eventos organizados pelos movimentos, com a repercussão alcançada pela mídia, as discussões acerca do tema e os avanços jurídicos conseguidos na legislação de família, é possível observar a transformação de paradigmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, M. Sexual Identity. **Encyclopedia of Identity**. SAGE Publications. Disponível em: http://www.sage-ereference.com/identity/Article_n248.html>. Acesso em: 31 mar. 2011.

CAMARGO, C. A lição da diversidade. **Bom Dia**, Bauru, p. 2-4. 29 ago. 2011

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DANIEL, H. O movimento homossexual brasileiro organizado – esse quase desconhecido. In: MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert (Org.). **Jacaré e lobisomens**: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

DIAS, B. Sob guarda-chuvas de arco-íris, parada bate recorde de público. **Jornal da Cidade**, Bauru, 29 ago. 2011. p. 7.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 25, jan-abr 2004. pp. 105-115. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a09.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

FERREIRA, L. R. **A Associação de Bauru pela diversidade como aglutinadora de interesses sob a ótica das Relações Públicas**. 2010. 140f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Relações Públicas)-USC. Bauru, 2010.

GARCIA, S. G. **A propósito de sexualidades e culturas de resistência**: modernidade, identidade e política. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/03.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

HOHLFELDT, A. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. pp. 187-240.

JESUS, J. G.; GALINKIN, A. L. Gênero e mobilização social: participação feminina na Parada do Orgulho de Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. In: **Bagoas**: revista de estudos gays. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal: EDUFRN, 2007. V. 1, n.1, jul-dez. pp. 283-300.

MANZINI COVRE, M. L. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MARTINO, L. M. S. **Comunicação e identidade**: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010

MOTT, L. **ABC das paradas gays**: Cartilha com informações úteis de como potencializar as Paradas GLTBS. Disponível em: <www.abglt.org.br/port/paradasabc.php>. Acesso em: 25 jan. 2012.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOARES, M. C. **Representações, Jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ZANATTA, E. M. Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80. **Cadernos AEL**. n. 5/6, 1996/1997. Disponível em: < http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/publicacoes/cadernos/cad-5/artigo-7-p221.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2011.